

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

ARTES VISUAIS



Eduardo Srur dá sentido ao lixo em nova exposição no MAC RS

O PERCURSO DA MARGEM À ARTE

Amanda Flora
amandaf@jcrs.com.br

O que acontece com aquilo que jogamos fora? A pergunta, aparentemente simples, esconde um percurso complexo, que pode ser mais comprido do que imaginamos. O lixo não desaparece. Ele atravessa ruas, rios, periferias e sistemas de descarte até encontrar outro destino. O fim do lixo pode ser em aterros sanitários ou, com sorte, na reciclagem, mas geralmente vai parar bem distante dos olhos de quem o produziu. Esse trajeto silencioso revela não apenas o excesso da vida contemporânea, mas também as desigualdades e os impactos am-

bientais que sustentam a lógica do consumo.

É a partir desta reflexão que se constrói *Da margem à beleza*, mostra do artista Eduardo Srur, em cartaz no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MAC RS) até o dia 12 de julho. A visitação ocorre de terça a sexta-feira, das 12h às 18h, e aos sábados, domingos e feriados, das 10h às 18h, na sede do MAC no 4º Distrito (rua Comendador Azevedo, 256).

Reunindo mais de 40 obras, a exposição propõe um deslocamento da forma como vemos o lixo. Srur transforma resíduos em arte e, a partir disso, tensiona a relação da sociedade com a ânsia de consumir que ocasiona o descarte.

Conhecido pelas intervenções urbanas, Srur parte de materiais que estão descartados para construir uma narrativa visual que mistura crítica e estética. Plásticos recolhidos em margens de rios, restos de consumo e objetos cotidianos viram a tinta, a tela e o pincel. Objetos que vão parar no lixo viram matéria-prima. “A arte tem esse poder de transformação dos materiais, sempre teve. O artista tem um processo conceitual, mas também tem uma certa alquimia

nessa transformação. A exposição vem trazer essa provocação de olhar, de ressignificar o que a gente não dá valor, porque é barato, porque é fácil, porque é ordinário”, afirma Srur.

Essa “alquimia” aparece tanto na materialidade quanto no conceito. Em uma das salas da mostra, resíduos plásticos se transformam em releituras de obras clássicas, como o *Abaporu* de Tarsila do Amaral; em outra, fardos de recicláveis ganham status de pintura a óleo. Desse modo, o que antes era invisível ou descartável chega ao museu como obra, exigindo atenção – o contrário do que fazemos quando vemos o lixo acumulado nas ruas, que é ignorar.

A exposição também se constrói a partir da chamada “coreografia silenciosa do lixo” na vida contemporânea. Para Eduardo Srur, o conceito torna visível um processo que acontece diariamente, mas que raramente é percebido. “São provocações ao consumo. A gente está muito ligado a essas questões materiais, a esse excesso todo”, explica. Em vídeoarte, o artista performa dentro de um supermercado, acumulando produtos sobre o próprio corpo

até se transformar em uma espécie de “monstro contemporâneo de consumo”. “Eu viro esse monstro contemporâneo de consumo, que é o que domina a sociedade; essa ânsia de consumir”, diz.

Um outro aspecto marcante da mostra é a sua expansão para além do espaço institucional. As esculturas da série *Caçambas* ocupam alguns pontos de Porto Alegre, conectando o público à exposição mesmo fora do museu. E, para Srur, essa presença urbana é parte essencial de sua trajetória. “Eu comecei na rua, com intervenções urbanas. Então, estar no museu e ao mesmo tempo ocupar a cidade mostra esse DNA da arte pública. Tem uma expansão da arte na sociedade, um convite para as pessoas conhecerem a exposição dentro da instituição.”

A escolha do 4º Distrito como sede reforça esse diálogo com o território urbano e industrial da cidade, que carrega uma paisagem cinza e poluída. Isso amplia o sentido da mostra ao conectar arte e realidade social. O artista ainda aprofunda a crítica ao abordar a relação entre alimento e natureza. A partir de produtos industrializados, Srur questiona os excessos e a desigualdade. “Mais da metade

das coisas que a gente compra é por impulso, por causa das embalagens, do desejo. Mas não é necessariamente algo que a gente precise para o corpo”, explica.

O título da exposição nasce de uma experiência prática. Srur lembra o contato direto com margens de rios poluídos, onde recolheu materiais que, anos depois, usou em obras. “Eu estava lá, dentro da água, recolhendo plástico. E esse material, com o tempo, virou obra e agora está na parede do museu”, conta. A trajetória do resíduo, da margem ao espaço expositivo, sintetiza o processo do artista e dá nome à mostra.

O excesso de consumo e até conflitos globais do contexto atual fizeram Srur ver a arte como uma ferramenta de consciência. “A arte não salva o mundo, mas propõe transformações. Ela convida as pessoas a pensarem a realidade de uma maneira diferente”, afirma. Ao mesmo tempo, ele reforça o caráter acessível da sua produção, que convida o público a interpretar o percurso que ele fez das margens dos rios à arte exposta no MAC. “A arte não está aí para dar nó no cérebro. A vida já é muito difícil. A arte vem desatar nós”.